

PASTORAL DA Terra

RESISTÊNCIAS

Romper cercas,
tecer teias,
rumo à Terra
Sem Males! P4

OS CONGRESSOS

Há 50 anos em
romaria, a CPT
peregrina e esperança
pelo Brasil P10 e 11

EDIÇÃO ESPECIAL | V CONGRESSO NACIONAL CPT | Nº 265 | ANO 49 | WWW.CPTNACIONAL.ORG.BR | f @ @CPTNACIONAL



VOZES CAMPONESAS

Tamboores da luta do povo

Os saberes e as experiências dos povos do campo, das águas e das florestas ecoam pelos biomas brasileiros P. 8 e 9



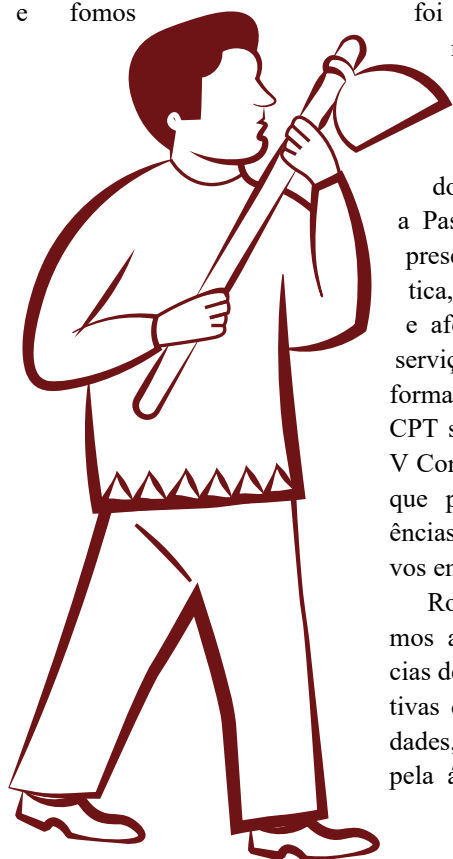
Vanessa Diniz

DA REDAÇÃO

EDITORIAL

Jubileu da terra é esperançar a caminhada

A CPT está vivendo seu ano jubilar, já identificando seus muitos motivos para se reunir em Congresso: recordar a caminhada, com os desafios e aprendizagens, ao longo dessas cinco décadas vividas junto aos povos do campo, das florestas e das águas. Queremos celebrar as diversas maneiras em que o Deus dos pobres da terra nos abençoou. Somos testemunhas do sofrimento e coragem dos povos, de suas lutas e sua teimosia, suas formas de resistência, e fomos



convocadas e convocados a caminhar com eles. Descobrimos a beleza da diversidade em seus modos de vida e organização e procuramos contribuir nos seus processos de autoafirmação. Presenciamos como esses povos têm garantido o cuidado e respeito pela Mãe Terra, enfrentando a ganância dos que veem a terra como algo inerte a ser explorado ao bel prazer.

Nestes 50 anos de caminhada junto aos povos da terra e das águas, a CPT foi confirmada em sua missão. Na memória subversiva do evangelho da vida e da esperança, seguindo a prática de Jesus, a Pastoral busca ser uma presença solidária, profética, ecumênica, fraterna e afetiva, que presta um serviço educativo e transformador. Por isso, toda a CPT se prepara para o seu V Congresso, momento em que compartilharemos experiências vividas junto aos povos em suas lutas.

Rompendo cercas, temos as diversas experiências de resistências e iniciativas dos povos e comunidades, nas lutas pela terra, pela água e pelos direitos – as ocupações, retomadas e au-

todemarcção de territórios.

Tecendo teias, a partir das lutas de resistência, os povos e comunidades criam e recriam formas de organização, articulação, mobilização, comunicação, formação, produção agroecológica, comercialização solidária, medicina popular, defesa da natureza, entre muitas outras experiências.

Destacamos, ainda, que o Jubileu da CPT coincide com o Ano Jubilar proclamado pelo Papa Francisco. Ele sugere que 2025 seja um tempo para restaurar a esperança, com iniciativas que possam ajudar as pessoas a recuperarem a confiança em si mesmas e na sociedade. “É a esperança que nos sustenta na caminhada da vida, faz-nos ver o bem possível, faz-nos sonhar com uma humanidade nova e torna-nos corajosos na construção dum mundo fraterno e pacífico”.

Convidamos você, leitor e leitora, a mergulhar nas páginas da Edição nº 265 do Pastoral da Terra, em clima de celebração natalina, sintonizando-se conosco na preparação para o V Congresso da CPT.

Boa leitura!



Dedicamos esta edição do Jornal Pastoral da Terra ao querido companheiro, amigo e membro histórico da CPT, Antônio Canuto, que fez sua passagem no dia 03 de dezembro de 2024. Guardiã das memórias, das causas em defesa da Vida, das lutas e resistências de gente empobrecida pela ganância do capital. Comunicador nato, seu querer e fazer é a essência do Pastoral da Terra, ao qual tinha tanto apreço. Gratidão pelos ensinamentos, trocas e pela vida em serviço profético aos camponeses e camponesas. Antônio Canuto, PRESENTE!



PASTORAL DA Terra

É uma publicação da Comissão Pastoral da Terra – ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

Secretaria Nacional
Rua 19, nº 35, ed. Dom Abel,
1º andar, Centro, Goiânia, Goiás
CEP: 74030-090
Fone: (62) 4008-6466
Fax: (62) 4008-6405
www.cptnacional.org.br
comunicacao@cptnacional.org.br

Presidente
Dom José Ionilton

Vice-Presidente
Dom Sílvio Guterres

Coordenadores Nacionais
Carlos Lima
Cecília Gomes
Ronilson Costa
Valéria Santos

Redação
Equipe de metodologia do V Congresso

Edição
Carlos Henrique Silva (5197/PE)
Heloisa Sousa (4499/GO)
Júlia Barbosa (4505/GO)
Everton Antunes (estagiário)

Jornalista responsável
Júlia Barbosa (4505/GO)

Impressão
Gráfica e Editora América Ltda.

Diagramação
Refile Editorial - Vinicius Pontes
www.refileeditorial.com

Assinaturas
Anual R\$ 30,00 Solidária R\$ 50,00
Dados para depósito ou transferência:
Caixa Econômica Federal
Agência 2234
Conta 578974105-0
CNPJ 02.375.913/0001-18
Iban BR49 0036 0305 0223 4578 9741
050C 1
SWIFT CEFXBRSP
Pix: 02.375.913/0001-18
Contato:
sustentabilidade@cptnacional.org.br

Razão Social
Comissão Pastoral da Terra

CNPJ / PIX
02.375.913/0001-18

Informações
cpt@cptnacional.org.br

Tiragem
2.000 exemplares

Apoio



MUNDO

ANÁLISE

Conjunturas

No Brasil afora e adentro, povos em conflito por direitos plenos e bem-viver

Autoria: Flávio Lazzarin -
Agente da CPT Maranhão

Edição: Heloisa Sousa

Como é que a gente faz análise de conjunturas? Temos aqueles que assistem à história que passa, como se estivessem sentados na beira do rio, descrevendo detalhadamente o fluir agitado das águas. Acompanha este olhar um acúmulo imenso, e talvez inútil, de informações. Ao contrário destes meros espectadores, nós aprendemos que em nada adianta estudar o rio se esquecermos que somos parte dele e fluímos mergulhados nessas águas perigosas da história.

Para evitar sermos arrastados pela correnteza, precisamos continuar cuidando da manutenção dos nossos barcos. Já somos especialistas de remos e rumos: ancestralidades, territórios, espiritualidades, encantados, encantadas e encantarias, orixás, Jesus libertador, maracás, tambores e atabaques, autonomia, autogestão, agroecologia, mas somos ainda fracos na organização interna, articulações e alianças, lutas e mobilizações.

Temos inimigos seculares ao nosso redor e no nosso meio, mas deveríamos saber que, frequentemente, o nosso pior inimigo somos nós mesmos.

Fora, existe a guerra: em Gaza, o genocídio; na Ucrânia,

uma invasão; guerras no Oeste Asiático e em todo canto da África. E é guerra mundial, em que assistimos ao confronto entre o Ocidente (o imperialismo dos EUA e a Otan), e povos resistentes do Oriente contra a colonização israeliana – Hamas, Hezbollah e Fatah na Cisjordânia, Houthis no Iêmen, Guarda Revolucionária Islâmica do Irã, forças sírias e grupos xiitas no Iraque – apoiados pelos imperialismos emergentes da Rússia e da China.

Alguém poderia duvidar que estes conflitos estejam atingindo concretamente a nossa vida, mas a guerra está perto de nós e deveria reacender o nosso olhar inconformado e revolucionário, evitando a repetição de chavões ideológicos obsoletos. Vivemos, com efeito, novas polaridades em que o imperialismo dos EUA é confrontado pelos novos imperialismos da Rússia e da China. E estes três atores disputam por hegemonia na Venezuela, com repercussão na Abya Ayala e na nossa Pindorama. E Brasil e Irã fazem parte de uma aliança econômica e política, os Brics+, que não deixa de ser um enfrentamento, por enquanto pacífico, ao poder dos Estados Unidos.

Além disto, não podemos ignorar o crescimento da extrema direita no mundo, infe-



Mesmo diante das tantas violências do latifúndio e do Estado, os povos e comunidades resistem e seguem em luta.

lizmente associada a setores não minoritários da cristandade católica e evangélica, explicitamente ditatoriais, liberticidas, racistas e homofóbicos.

E temos, aqui em casa, os inimigos de sempre: o latifúndio da agropecuária e dos monocultivos e a mineração desenfreada. O Estado, servidor do capitalismo, sempre foi uma arma das elites, que, em cumplicidade com o crime organizado, precisam contratar policiais, pistoleiros, jagunços e milicianos para matar indígenas e camponeses. São inimigos, responsáveis pelo assassinato da vida, desmatamento dos nossos biomas, envenenamento, poluição e destruição de territórios originários e tradicionais. E também, no

Maranhão, podemos dizer que, no campo, o inferno da ditadura empresarial-militar nunca terminou.

Aqui, temos o agro da fome, da sede e, hoje, cada vez mais, do fogo. Agro cúmplice do ecocídio, que nos apavora e nos deixa indefesos e desarmados diante dos eventos extremos provocados pelas mudanças climáticas.

E, enfim, encontramos diferentes atitudes nos povos indígenas e no campesinato. Como, por exemplo, “ninguém solta a mão de ninguém”, apelo, que, na maioria das vezes, é usado para nos fazer reféns conformados e confiantes no governismo pragmatista e na promessa de políticas públi-

cas agrárias e agrícolas, que, porém, nunca são implementadas; ou as comunidades convictas que “quem resolve tudo é o advogado” e não a luta; mas também a “turma da porrada”, que acha que chegou a hora de responder com violência às agressões do Estado e do latifúndio; e finalizamos com quem casou com a “autonomia relativa”, critério mor de discernimento e decisões no relacionamento inevitável com o mercado e com o Estado.

Aguardamos, porém, a leitura da conjuntura que os próprios camponeses e camponesas irão trazer para o Congresso. Luzes e profecias a partir de onde pisam os seus pés e onde vivem sementes materiais. Até lá!!!

MOVIMENTOS

RESISTÊNCIAS

Romper cercas, tecer teias!

Diante da força dos povos da terra, das águas e das florestas, romper cercas é enfrentar e lutar contra a concentração fundiária, a exploração e a expropriação. Tecer teias é alimentar utopia, fé e esperança de conquistar e permanecer na “terra prometida”

Autoria: Cecília Gomes -
Coordenadora nacional da
CPT

Edição: Carlos Henrique Silva

O V Congresso Nacional da CPT se aproxima! Este é um grande momento de escuta e construção dos rumos que iremos seguir, olhando para frente. Queremos ouvir os toques dos tambores vindos das comunidades, dos povos, das mulheres, dos jovens, dos homens e das diversidades da terra, das águas e das florestas, para juntos e juntas “Rompermos as Cercas que nos privam de amar e de viver, e Tecermos as Teias das resistências”.

Romper Cercas é a necessidade e a força dos povos das terras, das águas e das florestas, de enfrentar e lutar contra a concentração fundiária, a exploração e a expropriação. Inicialmente, as resistências vieram das populações indígenas e, posteriormente, também africanas, arrancadas de suas nações e forçadas a ser escravizadas em terras brasileiras. Os povos da terra carecem a todo o momento, romper as cercas do monopólio da terra, das águas, dos ventos, do sol, dos minerais, das florestas, das matas, dos animais, das pessoas e da vida em sua totali-



Teia dos Povos do Maranhão, em agosto de 2024.

dade, num contexto em que tudo se torna mercadoria, a serviço do capital.

Romper cercas é o conflito entre a “terra de trabalho e a terra de negócio” (Oliveira, 2002)¹. A **terra de trabalho** é a que produz alimento, gera e sustenta vidas, nas comunidades camponesas, nos territórios indígenas, quilombolas e ribeirinhos. Já a **terra de negócio** é para produzir mercadorias como soja, milho com bastante veneno, bovinos,

mineração, energias renováveis... Convidamos as comunidades e os povos a continuarem rompendo com todas as cercas que nos privam de viver, produzir e reproduzir os modos de ser e de viver.

Tecer Teias é o processo de resistência que acontece de forma coletiva, alimentado pela utopia, pela fé e pela esperança de conquistar e permanecer na “terra prometida”. Esperança, aqui, é apreendida como verbo esperar, de

fazer acontecer, de se colocar a caminho para construir uma sociedade com justiça no campo, onde os povos tenham direito a um pedaço de chão para produzir alimentos, o rio para pescar e a floresta que alimenta corpo e alma.

Neste aspecto, “tecer teias” surge a partir das diversas experiências dos povos e comunidades tradicionais que, ao longo de suas histórias, para enfrentar a violação dos direitos socioambientais,

passaram a construir formas de organização, resistências e articulação entre si e com outras comunidades para garantir a permanência em suas terras e territórios com dignidade. As comunidades e os povos lutam por territórios livres com seus direitos e vidas respeitadas, com seus modos de ser e de existir de forma livre. O sonho dos povos e comunidades é a **autonomia**, que passa longe da dependência em relação ao mercado, às instituições e ao Estado. Mas entendendo que, nem mesmo com um rompimento definitivo das relações de exploração em que os povos e comunidades estão inseridos, haverá, de fato, independência.

Somente as conquistas e as resistências através de lutas e de trabalho, têm permitido aos povos e às comunidades se constituírem como sujeitos sociais da sua história, com identidade própria, representando-se, através de lideranças com capacidade crítica para entender e lutar contra a dominação do capital, e compreendendo o significado sociopolítico da terra e dos territórios.

¹ OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). Novos caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 2002.

MULHERES

LIBERTAÇÃO

Batucada no Êxodo: as mulheres dão o ritmo

Luta e festa caminham juntas nos processos de resistência contra o patriarcado e por direitos

Autoria: Múria Carrijo
Viana - Documentalista do Cedoc/CPT
Edição: Everton Antunes

“
Mais forte
que o açoite
dos feitores/
São tambores,
os tambores...”
(Chico César)

Nas memórias do Êxodo, a Bíblia nos conta que, na caminhada por libertação rumo à terra onde os povos são suas raízes, Miriam – profetisa e irmã de Aarão e Moisés – pegou o tamborim e todas as mulheres a seguiram, dançando e tocando o instrumento (Êxodo 15, 20). Imaginemos a seguinte cena: Um grupo de mulheres fazendo festa, dançando, girando e tocando tamborins enquanto caminhavam. Podemos perguntar: Quais músicas elas tocavam? Como dançavam? Que idade tinham? Em contexto de racismo estrutural e de embranquecimento bíblico, é importante perguntar pela cor da pele dessas mulheres?

Helôisa Sousa



Cerimônia de entrega dos tambores durante a Semana Nacional de Formação da CPT, em junho de 2024, Goiânia (GO).

Aqui, o tambor convida, agrega e reúne mulheres, com corpos que giram, que chamam outras mulheres: “Companheira, me ajude que eu não posso andar só; sozinha ando bem, mas com você ando melhor”.

Podemos perguntar ainda: Esses corpos de mulheres, que giram e tocam tambores, festejam quais cercas rompidas? Tecem quais projetos de Vida? Recontam quais memórias da sabedoria ancestral? O que articulam na constante defesa de seus corpos-territórios? O que dialogam e articulam na perspectiva da justiça socio-territorial e de gênero?

Na história da nossa fé, tambor e festa fazem parte das memórias por libertação, pois esse acontecimento representa uma das travessias

rumo à terra boa, onde os povos vivenciam os seus modos de ser e existir. Nessa travessia, a mulher é profetisa, corpo que protagoniza a libertação. Luta e festa caminham juntas nos processos de resistência contra o patriarcado e contra os projetos que excluem as comunidades de seus direitos e as expulsam de seus territórios.

A Bíblia nos conta, ainda, que na caminhada rumo à Terra Sem Males, Deus ia adiante: De dia, a coluna de nuvem mantinha-se à frente das pessoas; e, à noite, a coluna de fogo (Ex 13, 21-22). O fogo, aqui, não é para destruir os biomas, mas é uma representação de um Deus que cuida, oferece espaços seguros e nunca abandona os povos e comunidades em luta pela preservação de seus corpos-territórios.

O tambor é o símbolo escolhido para o V Congresso Nacional da CPT. Que as cantigas e os giros entoados pelas memórias bíblicas, a partir dos corpos das mulheres, nos inspire a escutar os saberes ancestrais na resistência a todo tipo de agrocídio¹ e exploração.

¹ Cleber César Buzzato, do Conselho Indigenista Missionário, escreveu um texto intitulado Agro é Cídio. Cídio de homicídio, suicídio, ecocídio, hidrocídio e podemos complementar: epistemicídio. Disponível em <https://cimi.org.br/2016/10/38926/>

RESISTÊNCIA

MANIFESTAÇÕES

Tambores silenciados, silenciosos, proféticos...

Os tambores e a gente que os toca gritam a igualdade, a justiça e o direito, num horizonte ainda distante, para as populações negra, indígena e branca empobrecidas: irmãs de sina, na cidade, no campo, nas águas, nas florestas e nas igrejas

Autoria: Rubem Siqueira -
Agente pastoral da CPT Bahia
Edição: Carlos Henrique Silva

“

Tambor está velho de gritar. Ó, velho Deus dos homens, deixa-me ser tambor. Corpo e alma só tambor. Só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

(José Craveirinha, poeta moçambicano)

A Festa de São Benedito, em Aparecida (SP), acontece há 115 anos. É a “maior manifestação folclórica religiosa do estado de São Paulo, [pelo] seu caráter coletivo e profano, expresso por meio de cantos e danças, em contraste com a fé silenciosa, individual e recatada do culto à Padroeira do Brasil e das comemorações tradicionais da Igreja Católica”.¹ Remonta ao tempo da escravidão, nas primeiras décadas do século XVIII, permitida pelos senhores dos cafezais do Vale do Paraíba do Sul aos escravizados/as que os acompanhavam na celebração da Páscoa na cidade, muito próxima, de Guaratinguetá. Por isso, acontece na semana seguinte à



Andressa Zumpano / Acervo CPT

Manifestação com tambores durante o Encontro da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão, em 2019.

Páscoa. O culto ao santo negro milagreiro, filho de escravizados, ajudaria a apaziguá-los... Em Aparecida, também visitada na mesma ocasião, a festa começou em 1909, com a criação de sua própria Irmandade de São Benedito, e superou a original.

Filho da terra, acompanhei, depois de muitos anos, a de 2024, no primeiro fim de semana de abril. As tradicionais manifestações da festa são as apresentações das dezenas, ou mais de uma centena de congadas, catopês e moçambiques, na praça da igreja, dia e noite. Também acompanham a procissão: a corte do rei e da rainha à frente do andor, a missa conga campal, a subida do mastro enterado com os votos dos fiéis, a cavalgada, a distribuição dos doces que lembram o santo padroeiro dos cozinheiros, os bonecos João Paulino e Maria Angu, que fazem

a alegria da criançada e de seus pais também. Uma novidade mais recente: no sábado, as congadas, catopês e moçambiques, há dias na cidade, acolhidos por famílias e pela prefeitura municipal, no seu maior encontro no Brasil, visitam o Santuário Nacional de Nossa Senhora, tocando, dançando e cantando. Era notável a vibração emocionada dos brincantes de todas as cores, idades e identidades. Assistiam, separados da multidão, alguns padres e até um bispo.

Chegada a hora da missa, transmitida pela TV Aparecida, o padre pedia insistentemente que parasse o cortejo batuqueiro, mas os brincantes não lhe dão ouvidos. Neste momento, ficam evidentes o limite e até a incompatibilidade das expressões religiosas que aí passam a ser conflituosas.

Lembrei-me da “Noite dos Tambores Silenciosos”, na se-

gunda-feira do carnaval do Recife (PE). No estreito Pátio do Terço, à frente da igreja de Nossa Senhora do Terço, no bairro central de São José, dezenas de nações de maracatus, maioria ligada a terreiros de Xangô, religião afro-pernambucana semelhante ao Candomblé baiano, reúnem-se e passam a noite desfilando, dançando, cantando e rezando ao som dos tambores, em louvor a seus orixás e à sua protetora N. Sra. do Rosário, em memória de seus ancestrais, historicamente silenciados, desde o tempo da escravidão. O local, a certa distância das avenidas centrais da festa momesca dos senhores, teria sido usado para quarentena e comércio de escravizados recém-chegados de África e onde ossadas foram desenterradas.²

O que proclamam insistentemente os tambores em uma e outra situação? Tambores que reproduzem em uníssono as batidas dos corações, por uma só alma que, do chão da terra percutida, exalta o certo e o melhor da humanidade e os ecoa por toda vida planetária. Gritam a igualdade, a justiça e o direito, num horizonte ainda distante, para as populações negra, indígena e branca empobrecida, irmãs de sina, na cidade, no campo, nas águas e nas florestas, e nas igrejas também. Para resistir, essa gente-tambor lança

mão do que tem de mais profundo: sua religiosidade ancestral, corpórea, visceral, fundamental de sua trajetória, que não cede, mesmo quando parece ceder. Assim, enfrenta o sistema dominante, que se faz sempre e de novo colonial, norte-centrado, a submeter gente e natureza ao individualismo possessivo e catastrófico, que não se dobra nem à iminência de uma hecatombe final. São a esperança.

Esta gente-tambor, em vão silenciada, alinha-se com a melhor tradição profética do cristianismo, da percepção do filho de Nossa Senhora – Aparecida, do Rosário ou do Terço – Jesus de Nazaré, Deus feito gente-tambor, cuja utopia do Reino não se rende aos subterfúgios e às seduções do Templo, do Mercado e do Quartel. Tambor: profecia da unidade cantada e dançada, na alegria do Reinado de Jesus, como em João 17,21: “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”.

¹ CARVALHO, Herbert. Cem anos de fé e resistência cultural. SESC/SP – Serviço Social do Comércio / São Paulo, 03/09/2008. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/5155_

² SECRETARIA DE CULTURA. Noite dos Tambores Silenciosos reúne ancestralidade e resistência no Pátio do Terço. Recife, Prefeitura Municipal, 2024. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/11/02/2024/noite-dos-tambores-silenciosos-reune-ancestralidade-e-resistencia-no-patio-do>. Acesso em 14 out 24. NOS-DE-FE+E-RESISTENCIA-CULTURAL. Acesso em 25 ago 24.

MEMÓRIA

REGISTROS

O rufar dos tambores da CPT ecoa longe

Rumo aos 50 anos, CPT recorda a origem do Centro de Documentação

Autoria: Antônio Canuto - Membro histórico da CPT (in memoriam)

Edição: Everton Antunes

A mesma lógica de ocupação do território e sujeição das pessoas e povos adotada pelos portugueses ao chegarem no Brasil, em 1500, foi replicada nas etapas de ocupação do território nacional.

No contexto da corrida colonialista para ocupar a Amazônia, deflagrada pelos governos militares, os povos indígenas e as comunidades camponesas foram consideradas empecilho ao desenvolvimento e progresso, passaram a ser combatidos, e os trabalhadores braçais foram submetidos a condições análogas ao trabalho escravo.

A CPT surgiu ouvindo os gritos das comunidades camponesas que viviam submergidas em conflitos para garantir seu direito de viver e trabalhar e as lamentações dos trabalhadores escravizados. O Boletim Pastoral da Terra, que nasceu no final de 1975, era o espaço que os acolhia.

O número dos conflitos e violência, porém, era tamanho que foi preciso que a sociedade brasileira tomasse consciência do que acontecia. A CPT decidiu reunir o que lhe chegava de todos os cantos do Brasil num livro publicado em 1983, com o título “CPT Pastoral e Compromisso”. Logo, se concluiu ser imprescindível divulgar, a cada ano, os gritos que lhe chegavam, para a sociedade ter ciência da realidade de quem vivia no campo.

Foi criado, então, na secretaria nacional, um setor de documentação, que recebia, analisava, registrava e divulgava as diversas formas de violência a que as comunidades eram submetidas. Em 1985, foi publicado o relatório Conflitos no Campo Brasil, que se tornou, desde então, uma publicação anual.

Era o único registro daquilo que acontecia nas comunidades do campo: a exploração que trabalhadores e trabalhadoras sofriam, a violência que se abatia sobre suas comunidades, a barbárie

sobre a qual o latifúndio e o agronegócio tinham seus alicerces.

A partir de então, este relatório pode ser comparado ao rufar dos tambores que, percutidos pelo setor de documentação, passaram a ecoar em novas paragens. Seu som se tornou ensurdecedor de tal forma que ultrapassou paredes de igrejas, invadiu redações de jornais, estúdios da televisão e foi sentido com muita intensidade. Os sons dos tambores da CPT também acabaram invadindo gabinetes de ministérios, o que obrigou o Governo Federal a reconhecer, por exemplo, a existência do trabalho escravo e a criar instrumentos para combater esta barbárie.

Os sons destes tambores, porém, não foram ainda suficientes para se colocar limites à propriedade privada, fonte e raiz de todos os conflitos e violências, pois é considerada um direito absoluto, ilimitado, ao qual ninguém pode contestar. Apesar disso, a CPT não se cansa de fazer ecoar com maestria seus tambores, na espera de que, um dia, sejam tão fortes que obriguem a mudanças profundas na estrutura agrária nacional.



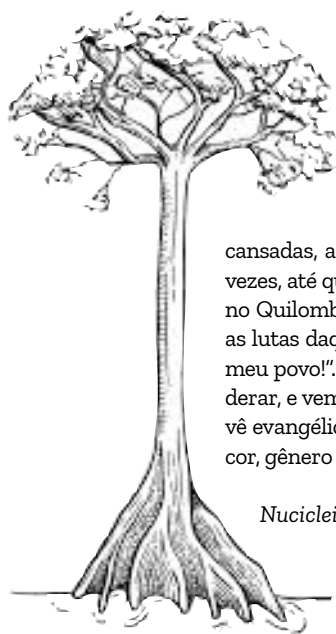
Arquivo CPT

Edições do relatório Conflitos no Campo Brasil

VOZES CAMPONESAS

Tambores da luta do povo

AMAZÔNIA



Sumaúma

"Pra começar, preciso falar como comecei a acreditar na luta: Estava sem esperança, tudo era difícil. Um dia, chegou uma moça da CPT aqui, marcou uma reunião e não apareceu ninguém. As pessoas estavam cansadas, achavam que era mais uma que vinha para enganar. Ela insistiu outras vezes, até que um dia eu participei. Ela fez o convite para um Encontro de Mulheres no Quilombo Santa Fé. Aquele encontro me deu um ânimo tão grande! Escutando as lutas daquelas mulheres, pensei: "é isso que eu quero para minha vida, lutar por meu povo!". Graças à CPT, a gente não desiste. Ela nos anima, nos ajuda a se empoderar, e vem mudando muita coisa: o preconceito, o racismo religioso... hoje a gente vê evangélicos e católicos em prol da comunidade. A CPT não faz distinção de raça, cor, gênero ou religião, ela faz com que a comunidade ande com as próprias pernas".

Nucleide da Paz Pinheiro, do Quilombo Forte Príncipe, em Rondônia.



CPT Rondônia

Comunidade Quilombola do Forte Príncipe da Beira, em Costa Marques, Rondônia.

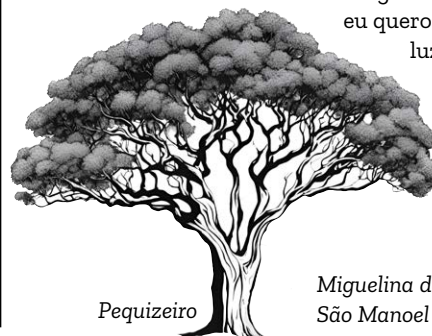
CERRADO

Saudação às águas no Olho d'Água Velho, nascente sagrada da Comunidade Alegria, Timbiras-MA, durante a Teia dos Povos do Maranhão 2024.



Júlia Barbosa | CPT Nacional

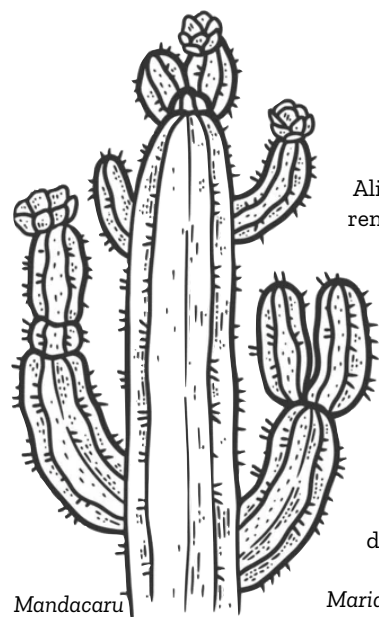
"A CPT para nós é uma luz que está do nosso lado, clareando todos os nossos passos e, agora, estou vendo que ela está caminhando rumo aos 50 anos. Eu quero parabenizar muito a CPT, todas as regionais e agentes. São pessoas humanas, iguais a nós, e eu quero agradecer a Deus pela CPT, que é uma luz para nós. Agradecer pelo belo trabalho que a CPT tem desenvolvido e a grande ajuda que ela tem nos dado nas lutas de comunidades e povos tradicionais do Cerrado. Felizes são as comunidades que aceitam toda orientação da CPT!".



Pequi

Miguelina de Oliveira, da comunidade tradicional de São Manoel do Pari, no Mato Grosso.

CAATINGA



Mandacaru

Alimento ou energia: qual o futuro da Caatinga? Na Paraíba, o Polo da Borborema tornou-se importante região produtora de alimentos saudáveis no Semiárido. Há 30 anos, com assessoria da AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia, milhares de famílias camponesas organizadas em redes de inovação agroecológica se destacam pelos alimentos que produzem sustentavelmente. Para tanto, conseguiram diversas infraestruturas hídricas para consumir e produzir quintais produtivos, bancos de sementes, feiras, quitandas agroecológicas e duas marcas já famosas – "Produtos do Roçado" e "Da Paixão". Agora, chegam ameaçadores grandes empreendimentos de produção de energia eólica e solar, para a falsa "transição energética". "Sabemos que estamos ameaçados, mas sabemos também que os nossos territórios são de resistência, de memórias, de lutas, de pessoas de coragem, de mulheres fortes, e a gente vai continuar fazendo essa luta".

Maria do Céu, da coordenação do Polo da Borborema, na Paraíba.



Túlio Martins | AS-PTA

Comunidades da Caatinga se mobilizam contra os grandes projetos das eólicas, que impactam negativamente os povos e seus territórios.

IDADES

Os saberes e as experiências dos povos do campo, das águas e das florestas ecoam pelos biomas brasileiros

Autoria: Texto elaborado a partir de relatos de trabalhadores e trabalhadoras do campo acompanhados pelas regionais da CPT
Edição: Júlia Barbosa

Da Amazônia ao Cerrado, da Caatinga ao Pantanal, do Pampa à Mata Atlântica e às Áreas Costeiras, as vozes dos trabalhadores e trabalhadoras, povos e co-

munidades do campo, das águas e das florestas, rompem o Brasil com seus gritos insurgentes por terra e território, direitos plenos e vida digna.

PANTANAL

Formação sobre combate ao Trabalho Escravo, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul



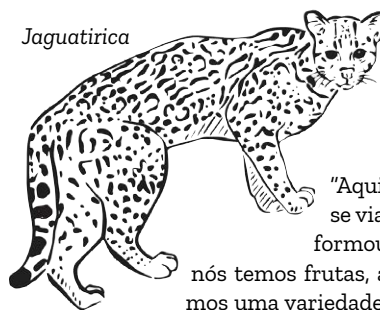
Bruno Alfárcé | CPT MS

"Desde o ano de 1985, ouço falar em CPT. Sempre junto aos pobres e trabalhadores do campo acampados. A CPT atuou na organização das famílias durante o acampamento e posteriormente, no Assentamento, trazendo as famílias que sonhavam ter um pedaço de terra para dali tirar o sustento da família. Tanto nas questões de organização dos grupos para negociações junto ao Estado, também nos grupos de formações religiosas, quanto nas questões de saúde, atuando também com doações de sementes para plantio, desenvolvimento de projetos com doações de recursos de outros países... a CPT sempre esteve presente!"

Maria de Fátima Ferreira, do Assentamento Taquaral, Mato Grosso do Sul.



Tuiuiú



Jaguaritica

PAMPA

"Aqui neste pampa gaúcho, cheguei em 1989. Quando chegamos aqui, se via só chilca e algumas poucas cabeças de gado. Hoje, a gente transformou essa realidade em uma terra com muitas biodiversidades. Aqui, nós temos frutas, árvores nativas, verduras, chás, passarinhos, temos animais, temos uma variedade de coisas. Aqui, a gente transformou este pampa numa terra de muito alimento, de muita fartura. Através do nosso trabalho, através da nossa organização, a gente transformou a realidade do pampa gaúcho. E a gente trabalha em harmonia com os animais, com a natureza. Cuidando dela, ela nos devolve muito alimento. Se tu cuidar da terra com amor e carinho, semear a semente cuidando, com certeza ela se transformará em bons frutos. E é isto que a gente faz aqui: semeia a terra, cuida dela e a recompensa é o alimento, uma mesa farta. A mãe natureza nos devolve aquilo que a gente coloca nela com muito amor e carinho. A realidade do pampa gaúcho é essa hoje: muita fartura, muita biodiversidade, muita alegria e um lugar muito bom de viver!"

Arlete Bulcão Pinto, do Assentamento Conquista da Fronteira, Rio Grande do Sul.

Comunidades acompanhadas nos municípios de Hulha Negra e Candiota (RS) recebem doações de sementes do Instituto Cultural Padre Josimo.



Gerson A. B. Borges | CPT RS

MATA ATLÂNTICA / ÁREA COSTEIRA

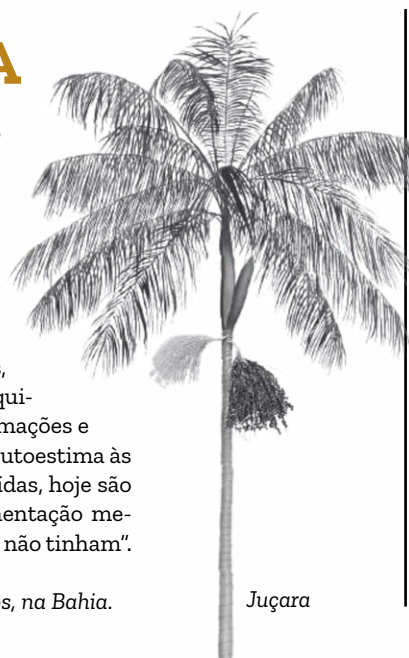
Valdeiry Cascales | CPT Sul-Sudoeste BA/Itabuna



Intercâmbios com representação das comunidades do Baixo Rio Pardo e do Porto Sul no território da Resex de Canavieiras, Bahia.

A ideia da Reserva Extrativista de Canavieiras - Resex veio em 2002, de uma marisqueira indignada com seus colegas que soltavam os crustáceos sem as grandes puás (garras). Como denunciar não deu resultado, provocou as comunidades a discutirem a criação da Resex e a mudarem suas práticas, como respeitar o tempo de desova dos animais. Autodemarkaram a reserva, oficializada em 2006, nos municípios de Una, Canavieiras e Belmonte, com 100.726 hectares de áreas marinhas, manguezais, Mata Atlântica e restingas, nas fozes dos rios Pardo e Jequitinhonha. "Depois da Resex, apesar da forte oposição, difamações e ameaças de mortes, a vida das famílias melhorou, trouxe autoestima e pessoas marisqueiras e pescadoras, que antes eram excluídas, hoje são supervalorizados e conquistaram condições dignas, alimentação melhor, são respeitadas, têm crédito no comércio, o que antes não tinham".

João Gonçalves de Santana, da comunidade negra Campinhos, na Bahia.



Juçara

Os tambores da luta do povo ressoam com toques carregados de resistências, da memória das lutas e do esperar por uma terra livre das cercas e da violência, repleta de vida. São tambores diversos em culturas, modos de existir e re-existir no mundo, de saberes e fazeres, que dão o tom e o compasso à caminhada rumo à Terra Sem Males. Um caminho duro e violento, que com o toque ancestral do tambor - que acalenta, mas também convoca à luta corações e mentes -, torna a caminhada mais suportável, a cada toque anunciando a libertação.

OS CONGRESSOS

Há 50 anos em romaria, a CPT po

Caminhe conosco pela trilha dos Congressos Nacionais da CPT, iniciando a caminhada pela Bahia, seguindo para Goiás,

Edição: Júlia Barbosa

Naquele dia 22 de junho de 1975, há quase 50 anos, se encerrava, em Goiânia, o Encontro de Bispos

e Prelados da Amazônia que, diante do que acontecia aos homens e mulheres do campo na região amazônica, decidiram que a Igreja deveria criar uma comissão para “interligar, assessorar e dinamizar os que traba-

lham em favor dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais”. Assim, convocada pela memória subversiva do evangelho da vida e da esperança, nasce a Comissão Pastoral da Terra, com forte presença nas



O **I Congresso Nacional da CPT** foi realizado em Bom Jesus da Lapa, Bahia, de 28 de maio a 01 de junho de 2001. O tema/lema que conduziu o evento foi “Terra, Água, Direitos: Eis o Tempo Jubilar”.

- A CPT celebrava seus **25 anos!**
- O número de participantes foi em torno de **460 pessoas**, entre camponesas/es, indígenas, quilombolas, agentes pastorais e religiosas/os.

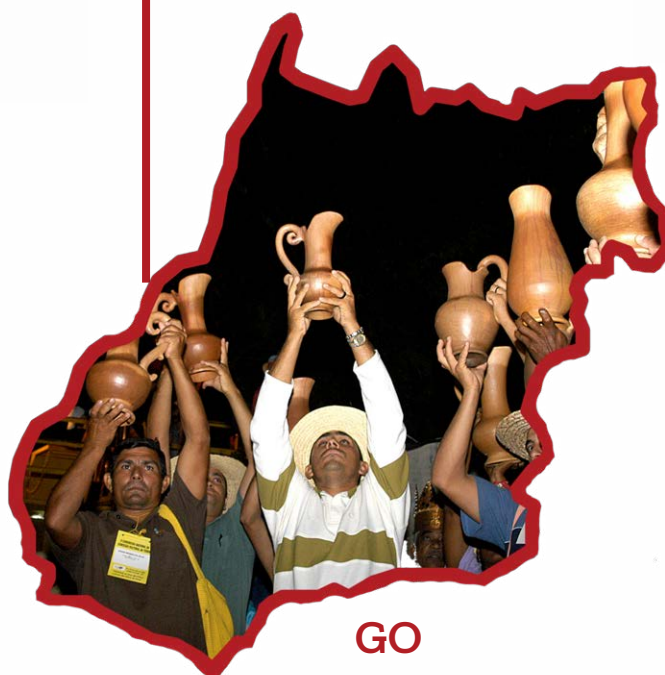
“Olha a tua CPT em Congresso e Romaria. Ajuda-nos a reencontrar o melhor sentido De nossa presença e de nosso trabalho junto a este povo”

Trecho da oração do I Congresso

O **II Congresso Nacional da CPT** foi realizado na Cidade de Goiás, Goiás, de 14 a 18 de junho de 2005. O tema/lema que conduziu o evento foi “Fidelidade ao Deus dos Pobres, a serviço dos povos da Terra”.

- A CPT celebrava seus **30 anos!**
- O número de participantes foi em torno de **986 pessoas**. Dessas, 601 eram camponeses/as.

“Fidelidade a ti, Deus dos pobres, Fidelidade aos pobres filhas e filhos teus, Fidelidade ao projeto de uma terra sem male”
Trecho da oração do II Congresso.



O **III Congresso Nacional da CPT** foi realizado em Montes Claros, Minas Gerais, de 17 a 21 de maio de 2010. O tema/lema que conduziu o evento foi “Biomassas, Territórios e Diversidade Camponesa: No Clamor dos Povos da Terra, a Memória e a Resistência em Defesa da Vida”.

- A CPT celebrava seus **35 anos!**
- O número de participantes foi em torno de **760 pessoas**. Dessas, 376 eram trabalhadores/as do campo.

“Queremos reacender a nossa consciência crítica E o nosso compromisso libertador. Contamos com a luz, a força e a ternura do vosso Espírito Para prosseguirmos a caminhada”
Trecho da oração do III Congresso

ÓRIA

peregrina e esperança pelo Brasil

passando por Minas Gerais, partindo para Rondônia e chegando, enfim, ao Maranhão!

comunidades, levando a profecia de uma terra sem males, alimentando e estimulando a resistência dos povos do campo, das águas e das florestas.

Mais tarde, em 1999, a Assembleia Geral da CPT

modificou seus Estatutos e decidiu pela realização de congressos, que têm o objetivo de definir as grandes linhas de ação da CPT. A maioria das pessoas participantes é composta por trabalhadores e trabalhadoras do

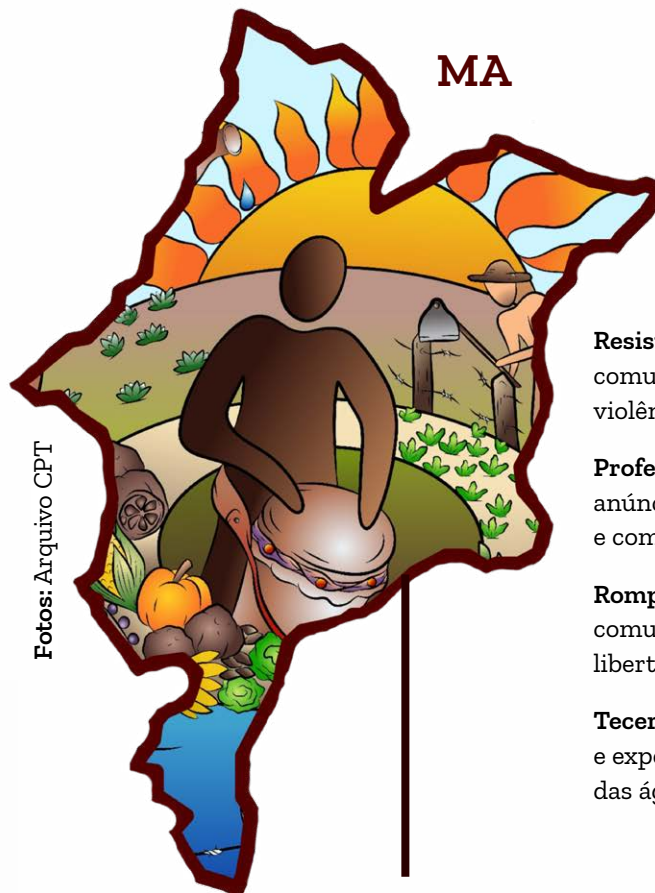
campo, reforçando, assim, seu protagonismo. De lá pra cá, já foram realizados quatro Congressos, passando por Bahia, Goiás, Minas Gerais, Rondônia e, agora, ele chega ao Maranhão.

O IV Congresso Nacional da CPT foi realizado em Porto Velho, Rondônia, de 12 a 17 de julho de 2015. O tema/lema que conduziu o evento foi "Faz escuro, mas eu canto - Memória, rebeldia e esperança dos pobres do campo".

- A CPT comemorava seus **40 anos!**
- O número de participantes foi em torno de **820 pessoas**, entre camponesas/es, indígenas, quilombolas, agentes pastorais e religiosas/os.

"Faz-nos de novo CPT, com a rebeldia de nossos mártires, santos e santas e seus sangues de memória e esperança. Por todos os nomes, contra todas as cercas malditas"

Trecho da oração do IV Congresso



Fotos: Arquivo CPT

O V Congresso irá trabalhar:

Presença – é estar com os povos e comunidades da terra, das águas e florestas, apoiando suas lutas, organizações e modos de vida.

Resistência – é a força insurgente que os povos e comunidades detêm no enfrentamento às variadas violências que sofrem.

Profecia – é a denúncia das realidades injustas e o anúncio das resistências e experiências dos povos e comunidades na construção da terra sem males.

Romper cercas – é o modo como os povos e comunidades se organizam e articulam lutas por libertação e transformação.

Tecer teias – é o tecimento de todas as resistências e experiências dos povos e comunidades do campo, das águas e das florestas.

O V Congresso Nacional da CPT será realizado em São Luís, Maranhão, de 21 a 25 de julho de 2025. O tema/lema que guiará o evento é "Presença, Resistência e Profecia - Romper Cercas e Tecer Teias: A Terra a Deus Pertence! (cf. Lv 25)

Na comemoração dos **50 anos** da CPT, seu **Ano Jubilar!**

"Envolve-nos com a Tua ternura e fortaleza em nós a fé, para que este V Congresso revigore, nas e nos agentes da CPT, o compromisso, a dedicação amorosa, a presença solidária eficaz, a profecia destemida e a esperança que não morre. Aos camponeses e camponesas, confirme a disposição de luta e a certeza na vitória"

Trecho da oração do V Congresso

ESPIRITUALIDADE

FOLIAS

Tambores em festa

O Brasil das folias e os encantos dos festejos populares

Autoria: Jadir de Moraes
Pessoa - Assessor da CPT
Edição: Heloisa Sousa

Um folião de Reis goiano saúda os festejantes de todas as heranças ancestrais nas demais regiões do Brasil. A batida de nosso Tambor ou Caixa, no tempo do giro de casa em casa, marca o compasso dos corações de devotos e foliões. Nenhum deles fica imóvel quando ouve a primeira batida. É hora de festejar com os Magos que seguem uma Estrela a caminho da Belém de antanho, revivida a cada ano no coração de todos aqueles que ainda se lembram de olhar para o alto, de todos aqueles que ainda se deixam incutir com estrelas.

E se vem chegando o mês de junho, famílias e vizinhos estão em barracões de quintais em Teresina-PI confeccionando roupas, chapéus e dando os últimos ajustes nos instrumentos para as brincadeiras de boi. E todos os brincantes mal aguentam esperar a hora de acender as fogueiras de terreiro para esquentar o couro de tambores e pandeirões. Será mais um mês de festa, com as danças da folga e da devoção aos santos do mês, Santo An-

tônio, São Marçal, São João e São Pedro. Em cada batida de tambor fica a certeza do brincante de que seu Boi, seja o Estrela da Noite, Chacumboi, Touro da Ilha, dentre outros, virá para o ano com mais brilho e alegria.

Ah! Mas como é que você fala do Bumba meu boi do Piauí e não faz nenhuma referência ao Maranhão, onde esse auto popular angariou maior projeção? É verdade. Vamos lá. Mas nesse caso, em vez dos grandes bumbódromos e das grandes agremiações patrocinadas, prefiro citar então o Boi da Madre Deus, fundado em 1890, no bairro de mesmo nome, por uma comunidade de pescadores. O Boi permanece com as mesmas características de terreiro e é sustentado pelos moradores da comunidade. Quando visitei aquele Boi encantador, não englobava mais que 30 brincantes. Tudo se passava na porta da Associação de Moradores, com os antigos brincantes sentados à porta, ao lado de um altar bem composto com algumas imagens de santos e um rosário. Do lado, estava a fogueira para o aquecimento do couro dos tambores e pandeiros.

Avizinhava-se a Festa de São João, o padroeiro da comunidade.

A menos de 400 km de Teresina, já no Maranhão, os quilombolas de Santa Rosa dos Pretos, em Itapecuru-Mirim, têm, a cada mês do ano, uma festa religiosa para suas rezas, comidas e cantigas da herança recebida. Somando-se às devoções ligadas ao catolicismo popular, a resistência no território passa necessariamente pelas frequentes oferendas e danças em respeito e homenagem aos encantados do Tambor de Mina e do Tambor de Crioula, como Dona Tereza Légua, festejada como a Mãe d'Águas. A instrumentação das rezas e da encantaria é concentrada nas batidas de vários tambores, construídos pelos próprios quilombolas com troncos de madeira escavada, com um pedaço de couro em uma das extremidades. O mesmo movimento místico que os faz repicar em último som nas tendas e nas capelas, quando é dia de protesto, coloca-os atravessados na linha do trem e na rodovia que destroçam aquele território de pretos. É que em Santa Rosa, os mesmos tambores que fazem a conexão entre devotos e santos e entre iniciados e encantados, sustentam também a consciência cidadã e a resis-

tência política dos sujeitos de todas as idades. Todos os moradores poderiam afirmar, em uma só voz: "Onde existe um tambor de crioula forte, existe um povo forte. Onde há uma Mina forte, existe um povo forte. Onde a cultura resiste, o povo resiste". O tambor é laço identitário étnico, ao mesmo tempo que é capaz de nutrir a capacidade de resistência.

Assim acontece nas giras do Jarê, em que Santa Bárbara, Santa Rita Pescadeira e outros encantados rodam ao som dos tambores, impulsionando a resistência dos sem-terra pretos da Chapada Diamantina (BA). Assim, também, os tambores seguem intervindo junto aos santos, orixás e guias nos milhares de terreiros de Candomblé e de Umbanda espalhados pelo Brasil. Juntam-se a eles os tambores das diversas linguagens das Congadas. Lá estão eles também nos "pontos" de um importante ritual de matriz africana encontrável na Região Sudeste, que é o Jongo. São aquecidos quando começam a dançar e no meio da madrugada, se esfriam. São novamente aproximados ao fogo para que expressem toda a religiosidade dos jongueiros. Os tambores têm o poder de fazer a comunicação com os antepassados. Muitos jongueiros gostam de repetir que

o tambor "vai buscar quem mora longe".

Assim é o Brasil festeiro. Sem a segmentação sagrado/profano, sem preconceito de qualquer natureza; plural, sincrético e, por isso, não pode aceitar a intolerância religiosa. Quem participa da festa tem a chance de aprender que o que se sabe ainda não é tudo para se continuar a viver e a transformar os espaços vividos. A festa popular é o grande e fecundo momento a ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho, nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias.



SABERES

TRADIÇÕES

Tambores do Brasil: rituais, saberes e resistência

Em festas, lutas e saberes dos povos do campo, o tambor sempre se faz presente

Autoria: Nancy Cardoso - Comissão de Formação da CPT

Edição: Everton Antunes

O som do tambor é um rastro de memória. Uma batucada é um mapa de afeto desenhado pelo corpo possuído pelo ritmo, uma rede de gente suada e bonita que se faz

comunidade, um coletivo que suspira uma substância sustentada por um sopro divino (Gilberto Gil).

É só o tambor começar a tocar que o passado comparece, o extraordinário na vida de todo dia se revela, a memória se recusa a esquecer e os saberes se atualizam debaixo do chão.

Por todo Brasil, os tambores, tamborins, pandeiros, agogôs, surdos, maracas, atabaques e abatás – guia e contra-guia - estão presentes nas festas populares de povos e seus territórios. A caixa de folia, ganzá, berimbau, cuíca, tantã, caxambu, sopapo e timbau estão nos rituais, nos saberes e na resistência. O toque do tambor desperta e convoca.

“
De onde é
que vêm a
esperança, a
substância (...)
Vêm debaixo do
barro do chão.
(Gilberto Gil)

As festas, modos de vida e crença das tradições afro-indígenas guardam no toque do tambor a resistência e a força contra a escravidão e o racismo. Nesse sentido, os mundos encantados de batuques e congadas, candomblés e catimbós, folias e reinados são tradições das memórias coletivas, a consciência histórica dançada e a resistência ritual que se reinventa contra a exclusão, a violência e a opressão.

Em julho de 2025, a CPT vai se encontrar no Maranhão, ao som dos tambores, contra as cercas do latifúndio, celebrando teias das lutas e das festas de comunidades camponesas e tradicionais. Mas já ouvimos os tambores e nossos corpos se preparam para a viagem, a dança e a luta.

O tambor já começou a tocar em nossos corações seis meses antes do Congresso. Já está na pressa de nossos pés e na alegria de nossos corpos, porque a substância e a esperança vêm debaixo do barro do chão.



Helôisa Sousa

Cerimônia de entrega dos tambores durante a Semana Nacional de Formação da CPT, em junho de 2024, Goiânia (GO).

CULTURA

Tambor é poesia que rompe os s

Poemas e cantos populares exaltam a tradição ancestral e a resistência do Tambor

Edição: Júlia Barbosa

O samba que nasce do tambor

Quem traz a resposta é Oxalá
 O axé da Bahia me chamou
 É lá no Bonfim que eu vou rezar
 Pedir proteção de Pai Xangô
 Na casa da Mãe do Gantois (...)
 O samba é fruto da dor
 Do açoite que ainda perdurar
 Mas, nasce e renasce na cor
 Na ginga, na finta e no cantar
 (Dona Ivone Lara e Bruno de Castro)



Tamborzeiros

Sou tamborzeiro desde que nasci
 A tradição de tocar tambor é antiga
 Ele é novo, mas o tambor é velho
 Com o tempo, veio a viola
 Com a viola, o congado
 Na minha arte, são três tambores que se
 apresentam:
 Tem o Chama - a festa começa por ele
 Eu canto: 'Senhor Benedito, olha lá, você mexe
 comigo devagar'
 Aí entra o Surdo, e o povo canta:
 'Benedito é preto, pretinho. Benedito é preto,
 pretinho'
 Então toca o Condambo
 Todos entoados na música
 E assim vai com ritmo e vontade!
 (Grupo de Congado de Chapada do Norte, MG)

O Tambor da Terra

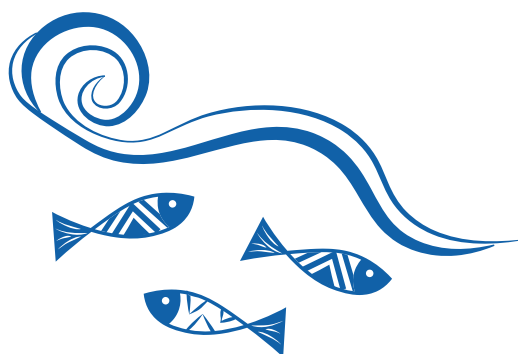
América, quem assim te chamou
 Foi quem te feriu
 Pra nós tu és Pachamama!
 (Hei, hei!)
 Toquem os tambores
 Toquem os tambores
 Toquem os tambores na arena
 A resistência é dança
 A fé e a arte é dança
 Abya Yala é dança!
 Dança Ameríndia!
 Mátia Ameríndia, ah!

Chega, meu povo, que a festa começou!

(Boi Caprichoso)

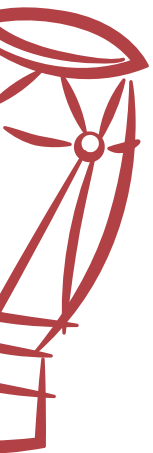
Tambor de Crioula

Quem ainda não viu
 Tambor de crioula do Maranhão?
 Afinado a fogo, tocado a murro
 Dançado a coice e chão?
 Crioula, crioula
 Aê tambor da ilha rufou
 Aê é a cachaça já baixou
 Aê é tinidô, repipocou
 Aê é a pungada derribou
 (Oberdan Oliveira e Cleto Junior)



SIAS

Silêncios e acende as esperanças



Quero Ser Tambor

Tambor está velho de gritar
 Oh, velho Deus dos homens,
 Deixa-me ser tambor
 Corpo e alma só tambor

Só tambor, gritando na noite quente dos trópicos
 Nem flor nascida no mato do desespero
 Nem rio correndo para o mar do desespero
 Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
 Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero
 Nem nada!

Só tambor velho de gritar na
 lua cheia da minha terra
 Só tambor de pele curtida ao
 sol da minha terra
 Só tambor cavado nos
 troncos duros da minha
 terra

Eu, só Tambor rebentando o
 silêncio (...)

Só tambor velho de sentar no
 batuque da minha terra
 Só tambor perdido na escuridão da noite perdida
 Oh, velho Deus dos homens
 Eu quero ser tambor
 E nem rio
 E nem flor
 E nem zagaia por enquanto
 E nem mesmo poesia

Só tambor ecoando como a canção da força e da vida
 Só tambor noite e dia
 Dia e noite só tambor
 Até à consumação da grande festa do batuque!
 Oh, velho Deus dos homens
 Deixa-me ser tambor
 Só tambor!

(José Craveirinha, poeta de Moçambique)



Ivanor Miranda / Moquibom

Roda de Tambor de Crioula, na Teia dos Povos do Maranhão, em agosto de 2024.

GALERIA

Juliana Pesqueira



“É da maior importância a indignação diante dos que concentram a terra, dos que se locupletam às custas do sangue e suor dos trabalhadores do campo.”

Antônio Canuto,
membro histórico da
CPT (in memoriam
22/01/1941 - 03/12/2024)

Oração do V Congresso da CPT

Deus de todos os nomes,
Pai e Mãe de toda a Criação,
de toda a diversa Natureza, de
todos os povos e culturas, de
todas as raças, seres e cores...

Jesus, Filho do amor
infinito de Deus, nascido pelo
sim de uma mulher, envia sobre
nós o teu Espírito,

Espírito que consola e
também provoca.

Deus uno e trino, esteja
conosco neste V Congresso da
CPT, para que ele escute e ecoe
os gritos da Mãe Terra e dos
seus povos e comunidades das
águas e das florestas. Para que
ele reflita e reforce as muitas
lutas em defesa dos territórios,
ameaçados e espoliados pela
ganância do capital...

Deus da Vida, de homens
e mulheres pobres, nós te
pedimos:

Que todas as cercas
que destroem a tua Criação
não nos impeçam, mas
nos estimulem a criar e
sustentar iniciativas e tecer
teias de vida coletiva. Que
sejamos capazes de resgatar
e reforçar as boas práticas,
tradições e ancestralidades,
em comunhão com a terra,
as águas, as florestas, o ar, as
sementes, as lavouras e todos
os viventes interligados na
tua e nossa Casa Comum.
Que entre nós prevaleça a
igualdade, solidariedade, o

cuidado coletivo e a justiça
socioambiental e de gênero.

Envolve-nos com a tua
ternura e fortaleça em nós a
fé, para que este V Congresso
revigore, nas e nos agentes
da CPT, o compromisso, a
dedicação amorosa, a presença
solidária eficaz, a profecia
destemida e a esperança que
não morre. Aos camponeses
e camponesas, confirme a
disposição de luta e a certeza
na vitória.

Sustenta-nos na lida do
dia a dia, no trabalho de base
e nos esforços de formação,
organização, articulação e
mobilização. Sejam sempre
reanimados e reanimadas pela
oração, música, dança, mística...
Pela palavra que denuncia
e transforma, pelo toque do
tambor e tudo que embala
nossos corpos-territórios na
busca incansável da Utopia do
teu Reino, que já está no meio
de nós e ainda em construção.

Abençoe-nos para que,
juntos e juntas aos nossos
familiares, companheiros e
companheiras, sigamos nossa
Caminhada para o Bem Comum
atual e das gerações que virão.
Que caminhem conosco nossos
mártires e Maria de Nazaré,
na urgente tarefa de Romper
Cercas e Tecer Teias, na terra
que a Ti pertence!

Amém! Axé! Æwúre! Aleluia!

Contribua com o trabalho da CPT, assine o Jornal Pastoral da Terra!

Assinatura Anual: R\$ 30,00 | Solidária: R\$ 50,00 | Exterior: US\$ 20,00

Dados para Depósito ou Transferência:

Comissão Pastoral da Terra
Caixa Econômica Federal
Agência 2234
Conta 578974105-0
Iban BR49 0036 0305 0223 4578 9741 050C 1
SWIFT CEFXBRSP
Pix/CNPJ: 02.375.913/0001-18

Envie seu comprovante, endereço para envio do jornal, dúvidas e sugestões para:

E-mail:
sustentabilidade@cptnacional.org.br

WhatsApp:
(62) 99268.6837

Comissão Pastoral da Terra

Correios

Impresso
Pode ser aberto pela ECT

Secretaria Nacional:
Rua 19, nº 35, Ed. Dom Abel,
1º andar, Centro. CEP
74.030-090 - Goiânia-GO

Impresso

Via Aérea